

“A poesia inventa a realidade”

O poeta, que recebeu recentemente o prêmio Camões 2010, fala da importância dessa arte no mundo contemporâneo

Mozahir Salomão

Ferreira Gullar completou, em setembro último, 80 anos de idade. O poeta recebeu recentemente o prêmio Camões 2010, atribuído a autores que tenham contribuído com o patrimônio cultural e literário da língua portuguesa. A distinção foi dada a Gullar pelos valores universais e pela “nota pessoal de lirismo” de sua obra. Intelectual de atuação intensa, Gullar participou da revolução gráfica e editorial do jornalismo brasileiro na década de 1950. Depois da edição do AI-5, chegou a ser preso em 1968 e, aconselhado por amigos, deixou o País em 1971. Sempre causou muita polêmica no meio artístico por suas opiniões acerca das artes plásticas, especialmente a arte contemporânea (como o ensaio *Argumentação contra a Morte da Arte*, de 1994, entre outros).

Nesta entrevista à *Revista PUC Minas*, o poeta fala sobre o ofício da poesia no mundo de hoje. Diz-se preocupado com o que chama de crise de valores civilizatórios e da própria cultura, mas se afirma um otimista em relação ao homem e sua capacidade de autopreservação. Destaca, nesse sentido, a relevância do papel da educação, especialmente da universidade. Ferreira Gullar vive em Copacabana, no Rio de Janeiro, ao lado de seu novo gatinho, aliás uma gatinha, que lhe foi presenteadada pela cantora Adriana Calcanhoto, para minimizar o vazio deixado pelo gato anterior, que morreu depois de 16 anos de convivência com o poeta e para quem Gullar havia dedicado, em 2000, o livro *Um Gato Chamado Gatinho*.

O senhor completou recentemente 80 anos de idade. Fale sobre a poesia como um ofício de sua vida.

O poeta escreve porque tem necessidade de se expressar. Uma necessidade que corresponde à necessidade que também sentem outras pessoas, mas em outras circunstâncias e meios. E, por isso mesmo, algumas vão pintar, cantar, dançar, interpretar... Aquilo que comove o poeta, o alimenta, mexe com ele e é isso que o leva a poesia. Vejo muita gente falar, reclamar de que se lê pouca poesia hoje em dia. Não tenho medida disso e não me incomoda esta questão quantitativa, ou seja, de quantos estão consumindo ou deixando de consumir poesia. A poesia, como arte, é autônoma. Ela não revela a realidade. Ela inventa a realidade. Dizer que o poeta revela a complexidade da alma humana está errado. O poeta inventa a complexidade da alma humana. A arte existe por que a realidade não basta. Por isso, a importância da arte. A gente já anda cheio de realidade e o artista vai mos-

“Dizer que o poeta revela a complexidade da alma humana está errado. O poeta inventa a complexidade da alma humana. A arte existe por que a realidade não basta”

trar mais realidade? De realidade já estou cheio até o pescoço. Ela está toda hora em cima da gente, pressionando. O que eu quero é sonho.

Mas que lugar a poesia ocupa no mundo contemporâneo - fragmentado, histórico e caótico - das grandes metrópoles?

FG: Bem, isso de as pessoas estarem vivendo em um mundo que cotidianamente se agiganta é muito relativo. Eu resido no Rio de Janeiro, uma cidade de seis milhões de habitantes, mas eu vivo numa cidade de 40 pessoas: as pessoas que conheço, meus amigos mais próximos... Alguém convive com seis milhões de pessoas? Isso é uma mentira. Tudo isso são maluquices que a gente vai tomando como verdade, mas não é... É claro que tem efeitos em termos dos serviços, do trânsito, das demandas e das ofertas. Mas, sabe, quando a gente para e pensa, acaba percebendo que a realidade é menos perturbadora do que parece. As pessoas são mais parecidas umas com as outras do que parece. Daí que muitas vezes uma sensação de medo, até pânico, pode ser, antes, muito produto da nossa própria cabeça.

Mas fazer poesia neste mundo mais caótico tem sido diferente? Principalmente por que associado, por exemplo, à massificação da cultura pelas mídias eletrônicas?

FG: Primeiramente, diria que nós temos que perceber esse fenômeno da cultura massificada, que já existe há décadas, dentro da sua complexidade e mesmo em suas contradições. Em segundo lugar, diria que a História não caminha só para frente. É uma ilusão pensar que a civilização está sempre melhorando. Não é assim. A longo prazo, claro que estamos melhores que há centenas de anos, mas de vez em quando percebemos graves retrocessos de natureza ideológica, política, cultural etc. O nazismo foi um grande retrocesso. Uma coisa inesperada surge e coloca diante de nosso desejo de avanço e desenvolvimento um atraso terrível e com consequências desastrosas para a humanidade. Citei esse exemplo gravíssimo para demarcar um retrocesso histórico. Não dá para comparar, claro, com o que você me pergunta a respeito desses fenômenos da massificação e da banalização da cultura, mas são também, de um jeito ou de outro, exemplos de retrocesso. E com um ingrediente ainda mais cruel: coisas que aparecem como avanços têm se mostrado, na verdade, como destruidoras, diria, de valores civilizatórios.

Exemplifique, por favor...

FG: Culturalmente, não podemos esquecer, o ser humano é inventado. Ele é os valores que constrói. Não é apenas nariz, cabeça, perna e pé... É os valores de sua cultura. E esses valores – que são na verdade uma conquista da humanidade – na medida em que vão sendo deteriorados deixam o ser humano pior. E chegamos a um ponto em que qualquer coisa – mesmo sendo ela de péssima qualidade – desde que seja contra os valores assentados hoje em dia parece significar avanço e algo tido como de qualidade. Cito como exemplo a nudez e todas as

formas de exploração do corpo da mulher em termos de sua exibição que são tidos, de algum modo, como avanço. Mas, veja, foi o fim do mistério e da sutileza. Da sedução. Reduziu-se a mulher a um objeto sexual. O homem demorou séculos para que a relação sexual ganhasse um valor simbólico, delicado e poético. Mas nos últimos anos, especialmente, vimos isso ser reduzido a uma animalidade, ao instintivo... E sabemos que, historicamente, o homem sempre fugiu dessa animalidade.

Daí a ação da cultura, da poesia, da filosofia...

FG: Também, mas não se pode esquecer que mesmo aí essa animalização encontrou quem a estimulasse. Nietzsche foi, na minha opinião, um cretino. Foi um dos grandes responsáveis por esse processo de destruição de valores. Tinha todo um discurso de super-homem, de inversão de valores, de desmontagem da cultura, de aceitação da violência, mas ele mesmo apanhava da própria irmã... Para ele, a verdadeira civilização humana terminou com Sócrates... Imagina... A defesa da prevalência do instinto, a volta ao animal... Exatamente o que o homem em toda sua história procurou superar e que nós vemos hoje, de maneira preocupante, ganhar terreno. Existe, sob muitos aspectos, uma volta à barbárie. É claro que existe muita gente que não embarca nesta selvageria. Uns conscientemente, outros até instintivamente porque percebem que o mundo começa a ir muito para um lado ruim. Restam alguns núcleos de resistência e esses merecem ser apoiados. Eu sou otimista. No fundo, o ser humano é um ser cultural, um ser intelectual e, certamente, acabará repondo essas coisas. E um século, aliás, algumas poucas décadas, não são nada em termos da história da humanidade. Creio que haverá a superação disso e as pessoas vão compreender que os

valores é que são fundamentais e não a volta à animalidade.

E qual será o futuro da poesia – é possível se acreditar na vitória da poesia num mundo que parece cada vez menos estimular a leitura?

Poesia é uma expressão verbal... Quem não sabe lidar com as palavras de uma determinada maneira não faz poesia. Ela exige essa competência no manejo da linguagem. E o poeta não é filósofo. Ele não procura e nem quer enquadrar e explicar o mundo através de um sistema em que tudo está harmonizado e todo fenômeno tem suas causas e consequências. O poeta não se importa com isso. Não tem medo da incoerência. O poeta não busca a coerência que o filósofo busca e nem quer explicar o mundo sistematicamente. Estou pouco ligando se o poema que escrevo hoje contradiz o poema que escrevi anteontem, por que dois dias atrás tinha sentido exatamente o

“Muitas vezes, os valores vão se tornando tão esclerosados e tão enrijecedores, viciados, que as pessoas acabam perdendo a noção e mesmo o sentido desses valores”



oposto de hoje. Por isso mesmo, o que a poesia diz é mais rico, sob certos aspectos, do que a filosofia diz. Ele não explica nada logicamente, mas, em compensação, o poeta lhe proporciona experiências que a filosofia, na busca da coerência, termina por desprezar e empobrecer.

O senhor, há pouco, escolheu Nietzsche, mas ele também escreveu várias poesias e algumas foram e são bem aceitas...

FG: Ah, me poupe... Aquilo é discurso. A defesa do homem-animal, da barbárie... O sujeito pode fazer o discurso que quiser, que lhe interessar, ou seja, louvar uma coisa ou outra... Mas isso nem exatamente pode ser considerado como poesia e nem isso significa que a poesia pode servir a fins como o da volta da animalidade. Aliás, o simples fato de o sujeito querer fazer poesia indica que ele busca um certo refinamento, a busca de uma intelectualidade. Caso contrário, ele não se voltaria para isso.

Tem uma força humanizante ...

FG: Sim, claro. Diria que mesmo aqueles que partem, como nos dias de hoje, para o que chamamos aqui de apelações nas mídias de massa, até essas pessoas acham que estão sendo melhores pessoas, mais humanos... acreditam mesmo que estão protagonizando algum tipo de avanço, mas na verdade estão contribuindo para um atraso, um retrocesso. Agora, pode parecer paradoxal afirmar isso, mas, às vezes, o retrocesso é o caminho para que a gente possa avançar. Muitas vezes, os valores vão se tornando tão esclerosados e tão enrijecedores, viciados, que as pessoas acabam perdendo a noção e mesmo o sentido desses valores. O sujeito até tenta possuí-los e defendê-los, mas, no fundo, perdeu a verdadeira noção a respeito deles. Por isso, imagino, há essa revolta nitzscheana contra alguns valores... e, mais à frente, a gente vai

observar que se tratou, na verdade, da véspera da redescoberta. Destroise para se redescobrir e dar um sentido novo àqueles valores que foram destruídos. Por que o mundo é incoerente. Achar que tudo terá uma ordem é uma ilusão. O mundo é uma coisa precária. Parece aqueles artistas equilibrando pratos no alto da vareta, no ar: segura uns tantos, outros caem e se quebram... Alguém vai jogando outros para ele equilibrar também... Isso é o mundo, isso é a vida. A gente tem sempre que fazer um esforço para manter os pratos fluando.

E que papel pode a Universidade cumprir aí, ou seja, em tornar o mundo menos bárbaro?

FG: A cultura é a coisa fundamental da sociedade, ou seja, o ser humano é um ser cultural antes de tudo, a universidade é um instrumento essencial nisso. É ela quem deve desenvolver, propagar e preservar a cultura e o conhecimento. Estimular a arte. O ensino, de maneira geral, é que faz do ser humano um ser humano. E o papel da universidade aí é decisivo. Eu mais do que nunca acredito nessa verdade. Só que a universidade tem que ter consciência disso: de como ela é fundamental e de como o futuro nosso depende dela. Por que lá é que se formarão as cabeças, as pessoas como valor, como caráter, como conhecimento, para que o mundo mais avance do que retroceda. Não é mais uma função que se desempenha em nossa sociedade. É a função decisiva: a formação do ser humano como ser cultural, que é o que o homem deve ter.

O senhor participou ativamente de um dos grandes momentos da modernização do jornalismo brasileiro, a reforma gráfica e editorial do Jornal do Brasil. No fim de agosto, a morte do JB impresso lhe trouxe que tipo de sentimento?

“O ensino, de maneira geral, é que faz do ser humano um ser humano. E o papel da universidade aí é decisivo. Eu mais do que nunca acredito nessa verdade”

FG: Fiquei muito triste. Mas antes até de ele acabar com a versão impressa, para mim o jornal já havia morrido. Quando o jornal passou para o formato tablóide para mim já tinha acabado. Lembro-me que imediatamente cancelei minha assinatura. Liguei para o JB e disse que não queria receber aquele “negócio” em minha casa. Por que eu, o Amílcar (Amílcar de Castro), o Jânio (Jânio de Freitas) e outros companheiros fizemos a reforma do jornal. Foi, certamente, um grande avanço e um novo momento do jornalismo brasileiro. E não foi apenas uma reforma gráfica. Criamos o suplemento literário, introduzimos o sistema de lide e sublide, que foi trazido para a imprensa brasileira pelo Diário Carioca, mas foi o Jornal do Brasil que tornou tudo isso mais conhecido. O Jânio de Freitas teve uma grande importância nesse processo. Ele já tinha muitas das ideias que nós apenas colocamos em execução. Os jornais brasileiros eram muito feios, cheios de linhas de separação, utilizava-se um número infinito de fontes, às vezes dez ou doze famílias de tipos diferentes... uma bagunça gráfica... Era horrível. O JB adotou um visual bem mais limpo. Tiramamos aquele excesso de linhas de separação. O Amílcar passou a adotar uma só família de tipos. E a gente variava no corpo das fontes, usando eventualmente o itálico e o negrito. E o jornal foi, por muitas décadas, também, sinônimo de informação de qualidade e de seriedade. E tudo isso perdeu-se, infelizmente. Poucos jornais tiveram no País tanta credibilidade. Tenho para mim que o dia

em que decidiram construir um prédio novo para o jornal – um prédio enorme na avenida Brasil – aquilo foi o fim do jornal. Uma aventura que acabou com o jornal. E o Estádio quase entrou nessa também. Quase caiu na mesma armadilha dos empréstimos de grupos estrangeiros que estavam oferecendo dinheiro em condições muito sedutoras. O JB construiu um prédio feio num lugar horrível. Gastaram rios de dinheiro e o jornal afundou em dívidas.

O senhor também foi revisor de O Cruzeiro, Manchete e trabalhou também em outros jornais. Com internet, palms, kindles, ipads e tantos outros suportes digitais, que recebem diariamente edições dos jornais para leitura na tela, arrisca algum palpite sobre o futuro da imprensa escrita? Neste mundo ainda cabem os jornais de papel?

FG: Como falei, a História nem sempre caminha para frente. Do ponto de vista tecnológico, tudo isso pode até ser considerado um avanço, mas do ponto de vista da experiência pessoal, creio que é um retrocesso. O livro e o jornal impressos têm sua materialidade e preservam mais a memória. O eletrônico ou digital, como queira, isso tudo apaga. E não ficará na memória de ninguém. Meus livros estão logo aqui, ao alcance das mãos. Tiro-os da estante e os leio. Não tem que ficar procurando o arquivo, conseguir um equipamento... E aí falta energia e ninguém pode ler... O livro e o jornal estão ali sobre a mesa. É só ler. Eu, pessoalmente, não consigo ler na tela do computador ou qualquer outra tela mais do que 20 ou 30 linhas. Não consigo fixar a atenção. É inquietante, é desagradável. É desconfortável. Pego meu jornal e sento na minha cadeira ali, perto da janela, confortavelmente. Se eu preciso, volto na segunda página e releio na mesma hora, sem dificuldade... Com a página impressa, diria que é uma relação mais tranquila em termos de leitura. ■